



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

LUIZ GOES

Os preitos públicos a Luiz Goes que tiveram por palco Coimbra - terra de seu berço e de sua formação, por ele imortalizada nas canções que cria e interpreta - começaram já em 10 de Junho de 1994, na "Sereia", com uma distinção a nível nacional: a condecoração com o **Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique**.

O ano de 1998 congregou um conjunto de actos que significaram o reconhecimento em Luiz Goes do criador e intérprete da **Canção de Coimbra**, com lugar destacado na galeria restrita daqueles que, respeitando no essencial as características identificadoras da matriz, cunharam a sua obra, através de caminhos estorvados, na busca do que é belo mas novo.

Foram eles promovidos pela **Comissão Organizadora da Queima das Fitas**, em conjugação com os organismos da A.A.C., celebrando o 2º aniversário do primeiro Seminário do Fado, e decorreram de 30 de Abril a 3 de Março, tendo como "*figura predominante do panorama musical coimbrão*" o Luiz Goes em exposições, espectáculos e descerramento de uma placa comemorativa no Penedo da Saudade – Retiro dos Poetas.

Também o **Município de Coimbra**, no dia da cidade, 4 de Julho, entregou a Luiz Goes a **Medalha de Ouro da Cidade**, tendo o Carlos Carranca, num texto lapidar, glosado a sua obra nas vertentes interpretativa, musical e poética.

Nesse ano de 1998, **Cascais**, terra onde fixou residência, não esqueceu o seu ilustre munícipe, homenageando-o e entregando-lhe uma placa comemorativa por ocasião das "*Jornadas de Educação e Cultura do Concelho de Cascais*" (5 a 7 de Fevereiro); exaltando a sua postura cívica em prol da liberdade nas comemorações do 25 de Abril; e atribuindo-lhe a **Medalha Municipal de Mérito Cultural** no dia do aniversário da Vila (7 de Junho).

Em todos estes actos o Luiz foi acompanhado pela nossa Associação, que vinha sentindo a necessidade e justeza de alargar esta estreita moldura de homenagens de que foi alvo.

E assim surgiu a oportunidade de lhe tributar uma **HOMENAGEM NACIONAL**, que a Direcção promoveu e realizou com a máxima dimensão académica e representatividade política, numa comemoração na "*Tomada da Bastilha*", cuja adesão, brilhantismo e clima de solidariedade sem precedentes ficarão para sempre registados nos anais da nossa Associação e de toda a Academia Coimbrã.

António Toscano

86º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA – 2006

CASINO ESTORIL, 25 DE NOVEMBRO

- HOMENAGEM NACIONAL AO LUIZ GOES

Foi uma apoteose a que se desenrolou perante os olhos de 750 convivas nesta comemoração que recaiu, precisamente, no dia 25 de Novembro!

O "*Du Arte Garden*" que os recebeu com um "*Coimbra de Honra*" mostrou-se exíguo para tal afluência e manifestações de regozijo pelo reencontro (para muitos anual...) e o salão "*Preto e Prata*" estava repleto a saudar o Luiz Goes aquando da sua entrada pelo braço da presidente da Direcção da nossa Associação, Fátima Lencastre. Ia ter início (após um jantar caprichado) uma homenagem sem paralelo, com dimensão nacional e lusófona, ao maior cultor vivo da Canção de Coimbra, coroada por uma **Comissão de Honra** ao mais alto nível, assim constituída:

PRESIDENTE DA REPÚBLICA – representado, no acto, pela Sr.^a Dr.^a Susana Toscano

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA - que não esteve no acto

PRIMEIRO MINISTRO - que não esteve no acto

MINISTRA DA CULTURA – representada, no acto, pelo seu Chefe do Gabinete, Dr. Carlos Rodrigues

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES – Dr. Fernando de Menezes

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA - que não esteve representado no acto

PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES – representado, no acto, pelo Assessor Dr. Duarte Braz

PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DA MADEIRA - que não esteve no acto

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA – Prof. Doutor Fernando Seabra Santos

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA – Dr. Carlos Encarnação

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - que não esteve no acto

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA – presente no acto

Assim a descreve o Prof. Doutor Pedro Saraiva, então Pró-Reitor da U. C. para a Comunicação e Identidade:

"Nessa grande festa que é a Tomada da Bastilha, cuja edição de 2006 decorreu no passado dia 25 de Novembro no Casino Estoril, a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL) organizou uma vez mais o seu evento anual de referência. Perante várias centenas de pessoas, desenvolveu-se um programa cultural de elevada qualidade. Neste 86º aniversário, foi também prestada uma Homenagem Nacional a Luiz Goes, valor incontornável da Canção de Coimbra, e comemorados os 25 anos da Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, num espectáculo apresentado por Sansão Coelho.

Num ambiente pautado pela animação e convívio, onde estiveram também presentes os representantes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga, Vale de Sousa, Porto, Alto Mondego, Coimbra, Lisboa, Algarve, Madeira, Cabo Verde e Guiné-Bissau, o espírito académico e a ligação à Universidade de Coimbra estiveram permanentemente presentes.

Deu as boas vindas a Presidente da Direcção da AAECL, Fátima Lencastre, que começou por enaltecer a nobreza de alma e fortaleza de ânimo manifestadas pelo Luiz Goes ao superar o natural constrangimento pela situação clínica em que se encontrava (devido a uma queda, transportava nos ombros um halo que a todos impressionou); agradeceu às individualidades presentes a sua comparência; ao Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra terem acedido a comemorar os 25 Anos da sua Associação neste evento, acompanhados pela Orquestra Clássica do Centro, ambos sob a direcção de Virgílio Caseiro; às Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra presentes; a todos os intervenientes pelo oferecimento dos seus dons ao Luiz Goes; ao Casino Estoril pela sua hospitalidade, terminando com um clamor e agitar de fitas pela nossa eterna Alma Mater.

O justo elogio a Luiz Goes foi conduzido por uma intervenção do Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, deste modo:

"Não, não é necessário estarmos fisicamente naquela que é a terra do encantamento.

Transportamo-la connosco, vivemos no mundo etéreo da fraternidade, do sonho livre. É nela que alcançamos, a cada momento, o elixir da eterna juventude. Sinto que nos apropriamos dela e por ela somos invadidos.

Essa relação de posse recíproca instala-se, por puro sortilégio, quando os nossos olhos a encontram. Impressiona-me como milhares de estudantes gritam a plenos pulmões em cada Queima das Fitas,



com uma intensidade arrepiante, a verdade das nossas vidas: Coimbra é nossa e há-de ser! Coimbra é nossa até morrer!

Tal só pode acontecer por força de um iniciático feitiço da nossa feiticeira.

Porque falo disto? Porque falo do nosso mundo. Porque evoco as raízes. Porque falo de Luís Goes. Como, de outro modo, compreender o seu canto, como entender o peso das palavras que o preenchem, como interpretar a sua visão da existência? Tenho, porém, a consciência de que quanto acabei de dizer não explica tudo. Cantar Coimbra é um convite ao qual muitos não resistiram nem resistem. Mas o caso do qual nos ocupamos é singular.

Torga concluía que a pureza do seu canto poético e a do canto do melro do seu quintal não tinham comparação possível. Um era apenas homem, outro pássaro.

Como explicar esta voz que se eleva entre nós e acima de nós? Não, não será necessário recorrer ao mito do homem pássaro. Basta-nos a formulação de Garrett. Também Goes, afinal, terá umas asas brancas, asas que um anjo lhe deu. E, quando canta, sentimo-lo (e sentimo-nos) voar ao Céu.

Só que não é apenas deste particular dom que tratamos. Ocupamo-nos também de um percurso, de qualidades humanas, de afirmação de uma personalidade.

É isso tudo que justifica que aqui nos encontremos todos, unidos como num abraço, certos de nos entendermos sem falar.

Estamos reconhecidos a Luís Goes não apenas pela sua voz mas pelas suas qualidades humanas, pelo valor da sua vida, pela generosidade dos seus contributos.

O maior inimigo da canção de Coimbra foi, sempre, o desejo de reprodução sem criação, a mera repetição de técnicas, a incapacidade de inovar.

Muitas vezes o gosto oficial declarava a fronteira entre o bom e o mau na pressuposição de que o bom era quase sempre aquilo que se estava habituado a ouvir e o novo quanto se recusava. E foi no rompimento com essa quietude auto-destrutiva que, em cada época, os grandes criadores se distinguiram.

Como renovar sem quebrar, como evoluir sem descaracterizar, como dar corpo à canção sem lhe fazer perder a alma, são as interrogações que dão lugar ao maior e ao mais constante dos desafios.

Os biógrafos de Goes destacam-lhe, a muito justo título, várias atitudes de coragem. Logo a da escolha dos temas, o mergulho em Bettencourt e Armando Goes, a criação de um novo estilo interpretativo, a novidade do timbre. E, também, a inteligência de não limitar a sua intervenção a um acto isolado, a capacidade de ter consigo gente que enriqueceu acompanhamentos de guitarra e descobriu novas sonoridades.

O tempo do surgimento de Luís Goes equivaleu ao de um momento de transição criativa que se tornou tão simples e tão natural porque resultava de uma invulgar qualidade de execução.

Sou testemunha privilegiada por haver presenciado um movimento (perpétuo diria Paredes) de consolidação e acréscimo.

As gravações que nesse tempo se fizeram não foram apenas um episódio feliz da canção de Coimbra, foram um grande momento da música portuguesa. Depois, foi a vez da vida se encarregar de descobrir outras latitudes. Não de afastamento porque o mundo da sensibilidade se transportou também e acompanhou a viagem.

Tudo aconteceu em plena época de transformação do País, em desafios abertos, em cúmulo de experiências, em amarguras e feridas, em horizontes desvendados, em futuros incertos à nossa espera. Foi aí que as palavras floriram, antigas amizades foram reencontradas e outras capacidades criativas se somaram.

Aquele que até então se celebrara principalmente como cantor, seguiu-se o compositor, o poeta reafirmado, o autor das novas prosas que o ontem e o hoje, o mar e a vida, o amor e a esperança lhe ensinaram. E, cada vez mais, para todos nós, a reserva de equilíbrio, o ponto de encontro.

Foi esse conjunto de qualidades que lhe deu espaço para regressar episodicamente a Coimbra para ajudar a salvar o património comum da destruição que o exagero cego e faccioso quase conseguiu. Modestamente, as suas canções eram para quase todos. Na sua verdadeira dimensão, tocavam cada um. Não se circunscreve à memória dos tempos iniciais a justiça que todos lhe fizeram, foi, muito naturalmente, o cúmulo dessa circunstância com o intenso trabalho criador capaz de continuar a renovar a linguagem e actualizar as temáticas.

Se irrecusável era o seu nome até aí, indispensável passou a ser desde esse tempo. Tão essencial como o regresso inevitável do espírito à raiz.

Não é, portanto, difícil falar de Luís Goes. O difícil é acrescentar alguma coisa ao seu imenso valor. Devo confessar que considero uma particular honra ter sido convidado a fazer a sua evocação e a prestar-lhe, em nome de todos nós, esta homenagem.

É bem verdade que outras lhe não têm faltado, do País, da cidade de nascimento, da cidade onde vive. Onde vive... Onde viverá realmente Luís Goes? Aqui ou ali? De onde veio ou onde está? Talvez que a resposta certa, ou pelo menos a mais aproximada, seja que vive onde se encontra. E o encontro é hoje, ou foi ontem, ou é sempre connosco na projecção eterna da cidade do encantamento."

No final, a Direcção da AAEC em Lisboa ofereceu ao Luiz Goes uma placa comemorativa, que ele agradeceu comovido:

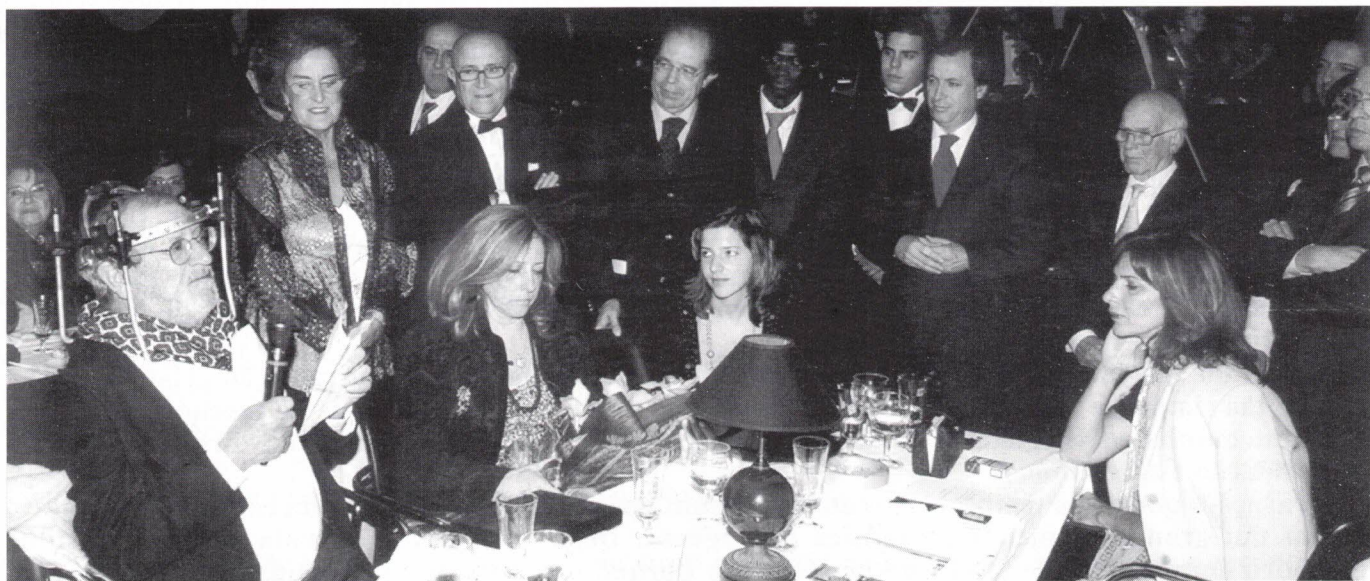
"Quando era menino, dizia-me meu pai que era o tempo o grande mestre da vida: com o seu decorrer, poderia fazer de mim próprio, sem concessões nem disfarces, uma imagem consentânea com a realidade. Na verdade, com a passagem dos anos tenho-me interrogado, vezes sem conta – sobre o porquê de poder merecer tanta amizade, tanta compreensão, tanto carinho, de tantos e tão bons amigos!

É que estive sempre muito aquém do que de mim se tem dito e, como não cultivo ilusões, não me esqueço das minhas fraquezas e contradições.

Porém, também aprendi na escola que não há efeitos sem causas, o que me tem deixado usufruir de algum íntimo conforto: será o uso que sempre fiz da lealdade para com os meus amigos e o culto desejado dos afectos que explicam o fenómeno?

Garanto-vos, queridos amigos, que assim (convosco), estimo a acreditar que ainda não acabaram os bons anos e que irei viver a vida que me resta, em boa e fraterna companhia!

Em minha defesa, socorrendo-me uma vez mais de Torga, termino garantindo que, se fiz o que podia, fiz o que devia! Para todos – Associação e Fátima – em particular – o meu Bem hajam!"



O homenageado Luiz Goes a agradecer

A coroar a actuação do **Coro da Associação dos Antigos Orfeonistas** num extenso repertório que enquadrou arranjos musicais de composições do Luiz Goes e uma morna dançada por jovens cabo-verdianos – António de Almeida Santos (Sócio Honorário nº 1 desta Associação e Presidente da Assembleia Geral da Associação anfitriã) fez a elegia deste Coro, lembrando o prestigiado percurso por aquém e além fronteiras e o seu incomparável mérito como embaixadores da cultura Coimbrã e oferecendo, em nome da AAECL em Lisboa, uma placa de prata comemorativa do evento.



O Coro, a Orquestra e os dançarinos cabo-verdeanos

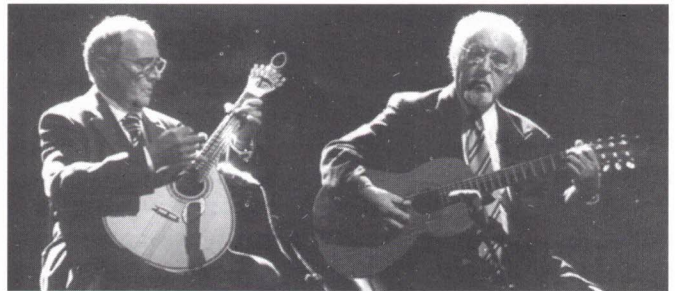


O elogio dos Antigos Orfeonistas

Após o intervalo – onde os convivas cruzaram a bailação com a visita a uma preciosa Exposição, promovida pelo Joaquim Pinho sobre o Luiz Goes e o Coro dos Antigos Orfeonistas – teve lugar uma apresentação de jograis, a cargo de um conjunto de elementos da companhia de teatro **Bonifrates**. Seguiu-se a actuação da guitarra de **Jorge Tuna**, acompanhado à viola por Durval Moreirinhas e com a voz de Carlos Carranca.



Os "Bonifrates"



A guitarra do Jorge Tuna

O espectáculo finalizou-se com uma *Serenata Monumental*, que preencheu a sala de sons fortes e nostalgia, pela mão do "**Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra**" e do Grupo "**Porta Férrea**". No final, a *Balada da Despedida* foi cantada no palco por todos os participantes, com realce para os presidentes e representantes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra.

O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Fernando Seabra Santos, presidiu a esta festa académica da AAECL, na qualidade da mais alta individualidade académica. A Universidade de Coimbra orgulhou-se de fazer parte, não só da Comissão de Honra, mas também de todas as festividades que fazem o Antigo Estudante recordar com alegria e saudade os tempos de Coimbra.

Deixo assim os meus votos sinceros de parabéns à AAECL, e particularmente na pessoa da sua dinâmica e empenhada Presidente, Fátima Lencastre, por mais esta excelente iniciativa, que tive o privilégio de poder testemunhar no próprio local, na certeza de que todas as iniciativas dedicadas ao Antigo Estudante se irão continuar a multiplicar, sempre com a dedicação e o espírito de partilha habituais, e o apoio incondicional da Universidade de Coimbra. Saudações Académicas."



Os Grupos "Jurídico do Canto e da Guitarra de Coimbra" e "Porta Férrea"

OS NOSSOS POETAS – Luiz Goes

CANTIGA DE VAGABUNDO

1972

*Se queres saber, amor, porque te quero
pergunta a um velho marinheiro
se uma aventura em cada cais
lhe faz perder o rumo verdadeiro.
Pergunta ao mar, eternamente azul,
a razão de ser da sua cor,
às vezes verde, às vezes cinza...
mas é céu o seu primeiro amor.*

*Se queres saber, amor, porque te quero,
pergunta a um velho vagabundo
se tanta estrada, tanta mulher,
matou de vez o seu primeiro mundo.
Pergunta à flor, que a noite emurcheceu,
Se quer abrir em nova madrugada
Se o quase nada que a vida lhe deu
a faz morrer na minha mão fechada.*

HOMEM SÓ, MEU IRMÃO

1968

*Tu, a quem a vida pouco deu
que deste o nada que foi teu
em gestos desmedidos...*

*Tu, a quem ninguém estendeu a mão
e mendigas o pão dos teus sentidos
homem só, meu irmão!*

*Tu, que andas em busca da verdade
e só encontras falsidade
em cada sentimento
inventa, inventa amigo uma canção
que dure para além deste momento,
homem só, meu irmão!*

*Tu, que nesta vida te perdeste
e nunca a mitos te vendeste
- dura solidão -
faz dessa solidão teu chão sagrado,
agarra bem teu leme ou teu arado,
homem só, meu irmão!*

BONECA DE TRAPO

1968

*Boneca de trapo
que vestes o sonho
de verde-encarnado
no dia medonho...
Boneca de trapo,
na rua esquecida,
tu és o retrato
da morte e da vida!*

*Boneca de trapo,
que a lama apodrece,
caída no charco,
ninguém te conhece...
Boneca de trapo,
da vida liberta,
Só tu é que moras
na rua deserta!*

BALADA DA DISTÂNCIA

1967

*Partir, partir...
Partir para onde, de longa distância,
Recorde o teu corpo
Poema de infância.*

*Partir como partem
As naus do passado,
Sem mastros, nem velas
O leme quebrado.
Partir como espuma
Que deixa na areia,
Poemas de sal que o vento semeia.*

*Partir, partir
Partir para onde, de longa distância
Recorde o teu corpo
Poema de infância.*

JANTAR/CONFERÊNCIA

"A Herança do Século XX"

Foi com o sentimento unânime de que estavam a usufruir de uma benesse única que 112 convivas ouviram o Prof. Doutor Adriano Moreira dissertar sobre um tema cuja abrangência poucos dominam, até pela experiência adquirida em grande parte das suas vivências.

Por isso mesmo, decerto, é que (nas palavras de abertura da Presidente da Direcção) o Mestre merece, com legitimidade, o preito de ser a única indivi-

dualidade no tablado político e académico não contestada "à direita" e "à esquerda", no decorrer destas últimas três décadas.

Aqui fica o registo para os presentes relembrares e os ausentes conhecerem:

"O século XX ficou assinalado pela decomposição do sistema de ordem mundial que teve o centro dinamizador na Europa, a sua expressão hegemónica no espaço ocidental, e um tecido normativo inspirado por valores que pretendeu globalisantes: o direito internacional, o Estado responsável pelas relações soberanas, os direitos do homem, a cidadania, a ciência e a técnica racionalistas; mas também aceitando a diferenciação entre os ocidentais e

o resto do mundo, a imposição colonizadora ou hegemónica dos primeiros em relação às restantes áreas culturais, o uso da guerra dentro do sistema euromundista para definir ou garantir as hierarquias internas dos poderes, e o uso da guerra para além das fronteiras flexíveis ocidentais com o objectivo de impor e manter a proeminência política, a precedência dos interesses, as linhas directoras da evolução global.

Uma espécie de lei com semelhanças à fadiga dos metais, parece definir o limite das tensões suportáveis pela estrutura do poder que se expande, levando à ruptura definitiva da ordem.

O fim do império euromundista, que se verificou no século XX, correspondeu àquele ponto crítico, abrangente de duas guerras mundiais. Estas guerras foram assim chamadas pela expansão dos efeitos destrutivos e dos seus custos a todas as áreas do globo, mas ambas foram do tipo, várias vezes repetido, das guerras internas tendo por motivação, as rivalidades das potências ocidentais.

O primeiro traço distintivo da herança é a anarquia mundial, no sentido da falta de sistema que tenha reorganizado a ordem. Tudo em termos de serem estabelecidos centros de decisão que se projectem como referência da generalidade dos múltiplos agentes que despontaram no caldo do globalismo que tenta articular a mundialização das interdependências.

No mundo ocidental a ordem tinha sido articulada entre unidades correspondentes ao conceito de Estado soberano, governando um povo tendencialmente com a estrutura comunitária da Nação, com variedades do modelo de relações entre o poder político e a população, por vezes agregando imperialmente nações ou grupos étnicos e culturalmente diferenciados, mas no conjunto identificando e reverenciando valores comuns.

A submissão do resto do mundo acentuava o facto de que as várias outras áreas culturais não tinham voz própria significativa no diálogo internacional, e embora o contágio recíproco tenha sido inevitável e variado, o modelo colonial da frente marítima europeia foi muito desenvolvido no sentido de se apropriar de matérias-primas, fontes de energia, e mercados de produtos acabados.

A herança inclui a liberdade e capacidade de todas as áreas culturais do mundo falarem com voz própria, incluindo para proclamarem a sua leitura e significado dos textos sobreviventes da velha ordem – Carta da ONU, Tratado Direitos do Homem –, e incluírem, num anunciado capital de queixas, grande parte daquilo que a colonização ocidental considerou benefícios da evangelização, das luzes, da ciência e da técnica. Enquanto o modelo colonial foi dominante, o fenómeno da emigração dos cérebros retinha nos mercados ocidentais os melhores dos recrutados para o modelo iluminista dos ocidentais; todavia, a mudança radi-

cal imposta pela descolonização reduziu as perdas locais dos cérebros, e deixou ali como herança o domínio dos saberes e das técnicas transmitidas. Enquanto que as sociedades ocidentais evoluíram para sociedades industrializadas, afluentes, e de consumo, e ordenaram o regresso das legiões, na herança ficou a dependência energética e de matérias-primas, dando lugar a sérias réplicas agressivas da área onde ficou implantado o capital de queixas.

Por outro lado, à medida que as sociedades afluentes do antigo império euromundista desenvolveram a implantação de um modelo de vida consumista, do bem-estar, do relativismo cultural, da teologia de mercado, da chamada revolução civilizacional, o antigo resto do mundo multiplicou as manifestações dos fundamentalismos antes reprimidos, acentuou a difícil ou absolutamente negada separação da religião e do poder político, e a legitimidade do uso da força para não apenas sustentar projectos de futuro, mas também para punir injustiças passadas.

O modelo da ordem mundial, a que o ocidente em fim de ciclo deu forma na Carta da ONU, ainda escrita sem a presença dos novos Estados nascidos da descolonização, foi reduzido, na área da paz e segurança, a um semantismo ultrapassado pela Ordem dos Pactos Militares da NATO e de Varsóvia, até que a queda do Muro em 1989 deu completa visibilidade à anarquia.

Programas de instalação de hegemonias no antigo resto do mundo, como que em busca de preencher o vazio da retirada colonial, foram por vezes semeadores de guerras marginais devastadoras como na Indochina e na Coreia, de guerras por procuração ou civis que alastraram na África, como em Angola, Guiné e Moçambique, de genocídios ferozes como no Sudão ou no Ruanda.

Finalmente, poderes emergentes atípicos, isto é, sem correspondência em modelo já experimentados na desafiada ordem mundial, abalaram severamente o espaço e os interesses ocidentais, tendo como referência a Al-Qaeda, os atentados contra o World Trade Center e o Pentágono, a intervenção dos Talibans no Afeganistão, tudo a inspirar o unilateralismo dos EUA, a superpotência sobrevivente, agindo num clima de assumida responsabilidade que a levou, em 2002, a organizar uma task-force no Corno de África para controlar nove países da região (Djibouti, Etiópia, Eritreia, Quênia, Uganda, Sudão, Tanzânia, Somália, Yemen), a assumir nesse mesmo ano a Iniciativa Pan-Sahel para colaborar com oito países (Argélia, Mali, Marrocos, Mauritânia, Niger, Senegal, Tchad, Tunísia), visando proteger as fronteiras, vigiar os movimentos populacionais, lutar contra o terrorismo, e finalmente proclamar a cruzada contra o eixo do mal, com dramática manifestação na Guerra do Iraque.

O efeito desagregador das solidariedades ocidentais, na NATO, na União Europeia, no Conselho de Segurança da ONU, na opinião pública, agravou seriamente as disfunções da herança. Visões apocalípticas do fim da história, da guerra de religiões, do mal radical, lembram anúncios bíblicos, a advertência de que o machado do juízo está "agora na raiz das árvores" (Lucas 12:56), ou "que o tempo se abrevia" (1 Coríntios 7:29), ou que "já está próximo o fim de todas as coisas" (1 Pedro 4:7). Talvez deva colocar-se o papel da violência no primeiro lugar dos temas que desafiam a capacidade do Estado organizar a ordem mundial. O pensamento ocidental definiu a guerra justa, e, embora sem praticar a observância intransigente do preceito, tinha ali uma referência de progresso do convívio internacional. Na herança ficou porém mais evidente o preceito maquiavélico segundo o qual quem tem força, joga-a. Líderes como Mao e Giap, o primeiro instaurador do comunismo chinês, o segundo conduzindo à vitória o Exército Popular do Vietname, desafiaram com êxito os exércitos ocidentais, assim como Castro em Cuba, Che Guevara na Sierra Maestra e nos Andes onde morreu, Carlos Marighela no Brasil, Yasser Arafat na Palestina, todos se orientaram pela regra de que a violência estrutural imposta pelos ocidentais deve ser destruída por qualquer meio de violência física. Não faltam textos justificativos, mas lembrarei apenas a linha do discurso de Michel Foucault quando, em 1971, discutiu com militantes maoistas o projecto de uma justiça popular. Ali sustenta que a ideia de que pode haver pessoas que são neutras em relação às duas partes, que podem julgá-las em função de ideias de justiça, "constituindo um tribunal", parece muito diferente da própria ideia de uma justiça popular. No caso de uma justiça popular, não há três elementos: há as massas e os seus inimigos. Em seguida, as massas, quando reconhecem em alguém um inimigo, quando decidem castigar esse inimigo - ou reeducá-lo - não se referem a uma ideia universal abstracta de justiça, referem-se somente à sua própria experiência, à dos danos que sofreram, da maneira como foram lesados, como foram oprimidos" (in *Microfísica do Poder*, 20.ª edição, Groal, Rio de Janeiro, 1979).

Daqui à heterodoxia do combate que tem expressão aguda no terrorismo global, a lógica do unilateralismo foi implacável: não se trata já de referir exclusivamente ao Estado definido pelo direito internacional ocidental, o monopólio do uso da violência armada legítima; nem de tipificar os novos intervenientes na luta armada, que são mais reconduzíveis ao modelo da rede do que aos modelos da experiência dos exércitos; não se consideram os inocentes como vítimas colaterais de uma acção militar que procura infligir baixas ao adversário, antes se tem em vista a liquidação de

inocentes para destruir a relação de confiança da sociedade civil para com o Estado que falha na função protectora, e a confiança dos cidadãos nas solidariedades contratuais da vida comum.

Do ponto de vista dos valores ocidentais sobreviventes, a paz instável, a criminalidade internacional, o descontrolo das migrações que afectam definitivamente o modelo de comunidade nacional, a crise da sociedade em mudança de padrões, a instabilidade do mercado de trabalho, tudo exige uma reestruturação de salvaguarda, tendo presente a debilidade da perspectiva disponível, o que significa assumir a tarefa, porventura impossível, de organizar uma ordem de resposta à incerteza. Entre as referências desafiantes, destaquemos a dependência energética, e o ponto crítico da ruptura da paz que está localizado no Próximo Oriente.

Ao mesmo tempo que o Conselho de Segurança vai sendo o palco onde potências com direito de veto, e também com direito a ignorar a sua diminuta capacidade de contribuir com meios válidos para enfrentar os desafios à paz, segurança, e desenvolvimento, ajudam à quebra de confiança na ONU, o G8 afirma-se progressivamente como o Conselho de Segurança Informal dos países mais ricos, em processo de reformulação pré-constituente de uma ordem que lhes reconheça a diferença e os interesses. A teia de ameaças e conflitos que se tem adensado nos últimos meses não parece ter dado espaço suficiente para registar e debater com a dimensão que a sua importância recomenda, a reunião que o G8 realizou em São Petersburgo nos dias 15/17 de Julho com uma agenda que incluiu os temas mais inquietantes da actualidade. Com a circunstância de ter alargado o número de participantes convidados, para discutirem os temas da Agenda da Presidência Russa (segurança global da energia, desenvolvimento dos modernos sistemas de educação e luta contra as doenças infecciosas), e também a globalização, o comércio internacional e África, envolvendo líderes do Brasil, China, Índia, México, África do Sul e de várias organizações internacionais, incluindo a própria ONU, o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio, entre outras.

Por outro lado, os EUA e a Rússia destacaram-se como líderes da Global Initiative to Combat Terrorism, que não dispensa os enquadramentos legais existentes, incluindo as resoluções 1373 e 1540 do Conselho de Segurança, visando fortalecer os esforços nacionais para a acção conjugada, para dar assistência aos Estados menos protegidos, para promover cooperações no que respeita a actividades nucleares pacíficas nos limites preservados do Tratado de Não-Proliferação. Talvez convenha destacar o tema designado por Global Energy Security, que se traduz em procurar «assegurar suficiente, confiável e ambientalmente res-

ponsável fornecimento de energia a preços que respeitem as regras fundamentais do mercado». Trata-se possivelmente da primeira posição que oficialmente assume, em termos legíveis, o reconhecimento do grave efeito colateral dos conflitos do Médio Oriente sobre a dependência ocidental das energias. O texto é expressivo: «concordamos que o dinamismo e desenvolvimento sustentado da nossa civilização, depende de um confiável acesso a energia. É melhor assegurado pelo reforço do acordo entre países produtores e países consumidores, incluindo constante diálogo sobre a crescente interdependência da energia, segurança no fornecimento e procura. Sublinhemos que mercados abertos, transparentes, eficientes e competitivos, são o alicerce da nossa estratégia de segurança energética. Também reconhecemos que governos e relevantes organizações internacionais desempenham um importante papel neste domínio». A transcrição é talvez extensa, mas necessária pela advertência implícita no que diz respeito ao agravamento das dependências que se projectam sobre a paz e segurança, aconselhando a visitar lições de algumas emergências históricas, designadamente a importância que teve a política colonial de captura de matérias-primas. A crise petrolífera associada aos conflitos em curso, e a subida de preços cujos efeitos perturbam severamente a economia e vida habitual das sociedades ocidentais, ficam referidos a duas notas fundamentais: a dependência da dinâmica e desenvolvimento sustentado da nossa civilização de um confiável acesso à energia; a preferência pelo acordo entre produtores e consumidores.

O restante das considerações são corolários do modelo, sem referência a qualquer esperança paliativa de outras fontes de energia. O que não fica explicitado é se também foram meditados, e quais, planos de contingência para a hipótese destas linhas directivas serem frustradas, colocando adversários onde se requerem interlocutores. A distância entre a eloquência dos discursos a propósito dos conflitos do Médio Oriente, e a minguada capacidade de oferecer recursos para uma intervenção pacificadora, não tranquiliza quanto à existência de um plano fiável de contingência para a falência do diálogo energético. Uma situação de incerteza agravada pelo facto de as sedes de meditação e anúncio deslizarem para instâncias sem relação com a ordem jurídica internacional, contribuindo para o descrédito dessa ordem sem fornecerem uma janela de visibilidade para a confiança.

As dúvidas semeadas a propósito da interpretação das decisões relativas à definição da estrutura e competências da força de interposição da ONU no Líbano, umas derivadas da distância entre a eloquência dos discursos e a dimensão dos recursos disponíveis pelas potências, outras comendo o

habitual discurso hermenêutico destinado a dilatar o cumprimento das obrigações que decorrem da natureza imperativa das resoluções do Conselho de Segurança, não contribuem para restabelecer a autoridade da ONU.

Quando o Secretário-Geral, na viagem às capitais dos países afectados pelo grave conflito, foi, talvez pela primeira vez, apupado, não pareceu tratar-se de reprovar o mensageiro, mas antes de manifestar o crescente descrédito da sede que representa e a difícil esperança, se alguma, inspirada pelo acordo a que chegaram as potências. Algumas das intervenções das débeis lideranças que repetidamente se demonstram excedidas pelos desafios à paz e segurança, obrigam à inquieta meditação sobre a possibilidade de avaliar a relação entre a velocidade da deterioração do sistema e o tempo perdido a cobrir a incapacidade dos líderes. Tudo o que afecta a operacionalidade da ONU na área da segurança e defesa agrava severamente os riscos, sobretudo depois do ponto final colocado na Ordem dos Pactos Militares, a qual de algum modo supria, com elevados custos, a paralisação do Conselho de Segurança. Parece geralmente assumida pelos críticos a urgência de atalhar o descrédito com uma reforma de fundo num momento em que algumas infundadas pretensões soberanistas fazem de grão de areia suficiente para impedir o movimento.

Para servir o interesse geral não é adiável proceder com lucidez e verdade à reavaliação do critério que presidiu a atribuição do veto, e à substituição da sua real vinculação ao interesse dos titulares pela validação feita em função do serviço a prestar à solidariedade que se invoca quando se afirma que a paz é indivisível. Algumas das potências que receberam o privilégio, na euforia da vitória repartida sem grande atenção às capacidades efectivas sobranes do desastre da guerra civil dos ocidentais, terão de colaborar na redefinição dessa espécie de hierarquia que é pelo poder efectivo que pode ser orientada, sempre que os factos imponham a limitação da igualdade.

Reconhecer a inevitabilidade do modelo das soberanias funcionais ou cooperantes, com as limitações inerentes e consentidas, como acontece com a União Europeia, designadamente para servir objectivos de competitividade, desenvolvimento e segurança, tem como corolário envolver esse espaço político, com voz colectiva, na reorganização da Ordem Mundial. A estrutura do Conselho de Segurança em qualquer dos modelos propostos e em circulação, exigirá a revisão das hierarquias definidas em função de critérios soberanistas que já na data da fundação excediam os factos. Esta realidade europeia tem réplicas, embora seja o modelo mais estruturado de grande espaço. Existem outros movimentos em diferentes regiões do Mundo, a questão dos poderes emergentes tem uma

geografia vasta, mas o Oriente e, muito destacadamente a China, talvez seja um tema a reclamar alguma prioridade. Subitamente as atenções mundiais foram despertadas pela sua crescente presença, quer pela dimensão da diáspora, quer pela expansão do comércio, quer pela concorrência aos recursos energéticos, quer pela intervenção nos fóruns internacionais com doutrina própria.

Designadamente as várias iniciativas expressas em propostas articuladas, como o Memorando de Política Africana (2006) e o anunciado Fórum de Cooperação China/África para se realizar ainda este ano, ou as iniciativas na área de relações com a Rússia e os EUA, tudo se articula com a criação, em 2001, da SCO – SHANGHAI Cooperation Organization, desenvolvimento do Grupo SHANGHAI – Five (1996) apresentados como Um Novo Conceito de Segurança, inspirado pelo objectivo de substituir os modelos de aliança, considerados desactualizados, pelo modelo de activa cooperação. O conceito significa confiança mútua e segurança comum, consulta, desarmamento e cooperação.

A articulação destes modelos, que esperam inspiradores, poderiam também ser uma base dos diálogos regionais de apoio aos consensos a obter finalmente no seio da ONU. Esta pregada substituição de modelos das alianças pelas cooperações depende seguramente de repor o valor internacional da confiança, e os factos mostram que este exige um mecanismo do teor das Comissões de Justiça e Paz que fazem lembrar os critérios de perdão em relação ao passado, e de promessa comum em relação ao futuro, na linha de Arendt. A história do presente que circula e que acompanha as propostas de pacificação, não dá mostras de esquecimento suficiente para que o passado deixe de pesar.

Não se trata de apagar os factos, que é um poder excessivo das histórias ideológicas, trata-se do difícil esforço de substituir as cóleras dos patrimónios de queixas, pela sabedoria inspirada pela experiência vivida.

Adriano Moreira

OS NOSSOS PASSEIOS

Lá Fora

I - PASSEIO DE VERÃO – BRETANHA/NORMANDIA/ CASTELOS DO LOIRE/PARIS

De 8 a 19 de Julho de 2006

A AAECCL realizou de 8 a 19 de Julho de 2006 uma viagem que tinha como objectivo conhecer melhor a província francesa nomeadamente o Nordeste de França.

O grupo de cerca de 50 participantes partiu num voo Air France em direcção a Paris (11:20-13:40h) e uma vez chegado ao aeroporto da Cidade Luz foi imediatamente conduzido a um autocarro que nos levou pela Normandia até Rouen - sua capital., onde visitámos a famosa Catedral pintada por Monet.

Nessa noite ficámos alojados num hotel nos arredores de Rouen em plena zona rural normanda.

No **dia seguinte**, continuámos a percorrer e a desfrutar das belas paisagens da Normandia visitando as espectaculares Praias do Desembarque onde ainda está bem presente a tragédia que foi a II Grande Guerra Mundial e os violentos combates que ali se travaram nomeadamente o celebre Dia D.

Depois do almoço visitámos demoradamente o magnífico e original Mont de St Michel, o tal que fica rodeado de água por todos os lados quando a maré

enche.

Ficámos alojados num Hotel rural numa aldeia normanda.

Depois de uma noite tranquila, entrámos na Bretanha e foi a vez de visitarmos demoradamente St Malo, uma famosa cidade portuária fortificada, terra de piratas e navegantes.



Castelo de St. Malo

Visitámos os arredores de St Malo nomeadamente Dinan e à noite - de novo em St Malo - um belo jantar, em restaurante típico, com os celebres mexilhões fechou a jornada.

No **4º dia** ainda percorrendo a Bretanha foi a vez de visitar pequenas povoações rurais de grandes tradições e monumentalidade tais como, Pleyben, Locronan e Vannes, verdadeiras jóias adormecidas entre o espírito celta dos antigos gauleses e o ambiente tipicamente bretão.

Saindo cedo do hotel, começámos por visitar - ainda na Bretanha - os alinhamentos de menires de Carnac e os dolmens de Locmarier numa verdadeira visita aos tempos pré-históricos.

Entrámos então na dourada região do Loire onde almoçámos num antigo Castelo e convento beneditino, hoje convertido a restaurante de charme "Le Prieuré", rodeados de uma tranquila e bucólica paisagem, com o Rio Loire lá ao fundo serpenteando entre colinas. Dormimos em Tours, capital do Loire. **O dia seguinte**, foi totalmente dedicado à tradicional e sempre reclamada visita aos Castelos do Loire. Das inúmeras dezenas que existem por toda aquela Região visitámos 3 dos mais famosos:

Chenonceaux - do tempo de Henrique II, rei de França, casado com Catarina de Medicis e amante de Diana de Poitiers.

Cheverny - habitado pelo dono e sua família, com uma matilha de 70-100 cães utilizados em caçadas na região.

Chambord - o mais deslumbrante e exagerado de todos sob o ponto de vista arquitectural que teria sido desenhado por Leonardo da Vinci.

No **7º dia**, ainda no Loire visitámos Chartres e a sua imponente Catedral que domina toda a cidade.

Trata-se da maior Catedral gótica de todo o Mundo e transmite-nos uma espiritualidade surpreendente. Foi um momento mágico da viagem.

Depois foi a vez de Orleans onde lembrámos Joana D'Arc cujo monumento se ergue numa das principais Praças da cidade.

Ao fim da tarde chegámos a Paris e à noite num restaurante italiano o jantar e a tertúlia académica que já faltava "Coimbra encanta Paris" com as vozes do Alcindo Costa e do Napoleão Amorim.

A partir desse dia ficámos alojados em Paris, partindo daí as nossas diversas excursões.

Começámos por visitar o esplendoroso Palácio de

Versailles que teve o seu apogeu no tempo dos Reis Luís XIV-XV e XVI (1650-1790) e depois do almoço foi a visita do, Palácio de Fontainebleau marcado pelas presenças de Francisco I, Luís Filipe - duque de Orleans e Napoleão Bonaparte que ali residiram.

O encanto de Fontainebleau vem do seu enquadramento extraordinário, entre belos jardins, e do seu estilo mais residencial, sobrio e requintado.

À noite na pequena aldeia de St Moret sur Loing assistimos a um espectáculo de luz e som, ao ar livre, sobre a vida de Alfred Sisley- pintor impressionista. Nascido em Paris, filho de pais ingleses que se apaixonou por St Moret e aqui acabou os seus dias. A singularidade do local, com o palco dum lado do rio (o Loing) e os espectadores do outro. A aldeia com a ponte, a igreja e o casario iluminados a servir de cenário, foi surpreendente.

No **9º dia** realizámos um tour de autocarro guiado por Paris (Notre Dame, St Michel, St Germain des Prés, St Sulpice, Vendome. Opera, Trinité, Montemarte, Sacré Coeur foram alguns dos locais visitados). Depois do almoço, em Montmartre o autocarro prosseguiu até outros locais de Paris, nomeadamente à Torre Eiffel.

À noite outro tour guiado (Bastilha, Marais, Hotel de Ville, Panteon, Torre Eifel, Chaillot, Arco do Triunfo, Campos Eliseos).

Depois foi **um dia livre** de forma a que cada um (sozinho, em par ou em pequenos grupos) visitasse aquilo que mais lhe interessava e que ainda não tinha tido oportunidade de o fazer (compras, museus, esplanadas, espectáculos, descanso, etc).

Pela nossa parte passámos o dia na margem esquerda do Sena a chamada Rive Gauche constituída por St. Michel, Quartier Latin e St. Germain des Prés (onde se concentram artes, estudantes e cultura);

Visitámos com detalhe a Igreja de St Sulpice (onde



O grupo junto do Palácio de Fontainebleau

se passa uma cena do Código da Vinci, cujos pormenores procurámos saber), os Jardins do Luxemburgo (de grande historial), tomámos um café no Deux Margots (onde se encontraram J. Paul Sartre e Simone de Beauvoir), comemos uma paelha em St Michel (que não estava nada de jeito), ouvimos um concerto musical em St Julien Le Pauvre e fomos dormir a sesta para o Hotel.

À noite com o grupo de novo reunido fomos jantar e assistir ao espectáculo de variedades do Paradis Latin. Foi interessante ver o grupo em peso ocupando todo o 1º balcão à volta da sala onde o espectáculo se realizou, com o apresentador a mandar felicitações a Portugal.

O **11º dia**, também livre, dedicámos à visita ao Museu D'Orsay que retrata o contexto artístico, social, político e tecnológico que predominou no período (1848-1914). Depois fomos visitar a Ópera no seu interior, almoçámos num Boulevard e por ali ficámos à procura de Livros, Cd's e roupas em que Paris é fértil. À noite, um passeio de Bateau Mouche foi o pretexto para a festa de encerramento de tão agradável passeio.



Navegando o Sena...

Durante 3 horas foi servido um bom jantar, ouvimos música por conjunto privativo enquanto iam desfilando pela nossa frente alguns dos mais belos monumentos de Paris profusamente iluminados. Parabéns, uma vez mais, ao Benjamim, pelo seu aniversário entre nós, que assinalámos:



Mais um aniversário

Finalmente foi o **dia do regresso**. Saímos do hotel pelas 09:30h em direcção ao Aeroporto Charles De Gaulle num trajecto de 40 minutos.

Felicitações ao guia Benjamim e ao motorista António pela sua competência e profissionalismo.

Felicitações à Direcção (Fátima Lencastre e Alcindo Costa) pela sua dedicação bem expressa na excelente programação, organização e coordenação da viagem. Parabéns ao Grupo pelo seu espírito de solidariedade, convívio, fraternidade e cumplicidade tão próprios de quem passou por Coimbra.

Chegámos a Lisboa, pelas 14:30h, felizes e satisfeitos!

Maria Piedade Tavares

Cá Dentro

I - PASSEIO DO OUTONO

- AO SOTAVENTO ALGARVIO – CRUZEIRO NO GUADIANA

De 14 a 16 de Maio de 2004

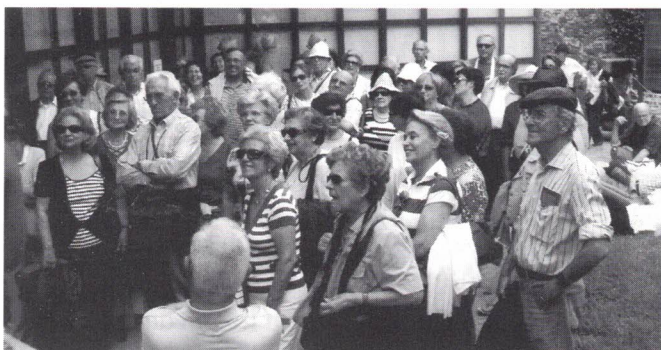
Sabíamos que a maioria dos nossos Associados conheciam apenas a orla marítima do Algarve; o barlavento havia sido já explorado, com sucesso, no anterior Passeio do Outono (2005), pelo que a "investida", neste ano, foi o sotavento.

Assentámos arraiais, em número de 125, no Iberotel de Monte Gordo, daí partindo para os diversos passeios por terra e por rio.

Dentre os primeiros, são de assinalar as visitas às "**Ruínas de Milreu**" em Estói, a **Castro Marim**, com o seu histórico Castelo, a **Alcoutim**, cuja



Ruínas de Milreu



Castelo de Castro Marim

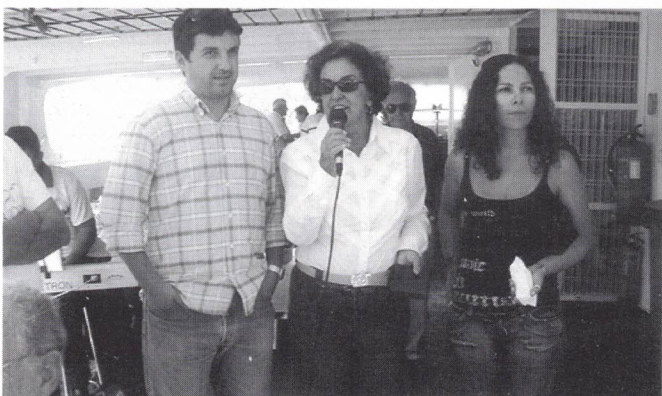
Câmara Municipal disponibilizou 2 guias oficiais que nos acompanharam pelo circuito museológico das freguesias de **Vaqueiros, Santa Justa, Martinlongo, Giões e Guerreiros do Rio** (aqui foi criado um pequeno mas interessante museu).



Castelo de Castro Marim

Também pisámos o solo espanhol, visitando **Islantilha e Ilha Cristina**. O passeio fluvial pelo Guadiana, cursando desde Vila Real de Santo António até ao Pomarão, durou um dia inteiro, com almoço a bordo e uma animação sem igual, desde canto a dança, onde todos manifestaram o seu regozijo e comprovada juventude (não só de espírito...). O ponto mais comovente foi a exibição do Rancho Folclórico Infantil de Vila Real de Santo António, num dos auditórios do hotel.

Era ver os "Avós" embevecidos com as crianças e



A apresentação dos animadores a bordo

jovens que mostraram os seus talentos e os "obrigaram" a dançar com eles os corridinhos algarvios!...



Sem palavras ...

Também o Show do Casino de Monte Gordo mereceu francos aplausos, bem como o jantar que o precedeu.

Eis o que o Mário Pombo (neófito nestas nossas andanças) exprimiu em palavras:

"ECOS DUMA VIAGEM AO ALGARVE

Pedi-me a Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa para tecer algumas considerações sobre o passeio de Outono. Como foi o primeiro passeio da Associação que eu desfrutei, talvez por ter sido considerado "caloiro" nestas andanças, tive a honra de ter sido escolhido para esta tarefa.

É para verem como no nosso tempo se tratavam bem os caloiros!!!

O passeio foi para mim uma agradável surpresa. Desde a organização dos três autocarros, até ao convívio espectacular que nos encantou a todos, foi uma delícia podermos reviver os bons velhos tempos da Lusa Atenas.

Bem instalados num magnífico Hotel em Monte Gordo, que constituiu o nosso Quartel-general, para as sucessivas visitas ao Algarve.

Não posso esquecer o tranquilizante passeio fluvial pelo rio Guadiana. Mais uma vez a animação a bordo foi um dos pontos altos do nosso convívio.

Foi com grande emoção e imensa saudade que reencontrei velhos amigos, do meu tempo de Faculdade.

Por tudo isto, termino dizendo que foi um encanto e espero que se repita em futuras organizações da nossa Associação.

Saudações Académicas"

CONVERSAS MENSAIS

2º SEMESTRE DE 2006

83ª Conversa – (18 de Outubro) – "Coimbra e os seus Poetas" por Carlos Carranca.

De entre as suas múltiplas facetas culturais, Carlos Carranca, nosso Assessor Cultural, escolheu a de poeta que é, e como tal, vem falar-nos de poetas de Coimbra, tema aliás do nosso muito agrado.

Referiu-se a vários poetas dos Séc. XIX e XX em especial a António Nobre e Teixeira de Pascoaes lendo esplêndidas poesias naquele seu jeito tão peculiar de as declamar.

Falou da vida académica de outros poetas que igualmente engrandeceram Coimbra com a magia da sua poesia, citando Miguel Torga, Vitorino Nemésio, Eugénio de Castro.

Leu e declamou José Régio, Manuel Alegre, Alberto de Oliveira, Assis Pacheco, António Arnaut, Antero de Quental e Edmundo Bettencourt.

Terminou com um poema de José Régio dito aquando da inauguração da estátua de António Nobre.

Todos os que o ouviram e aplaudiram saíram como eu, mais leves e mais enriquecidas espiritualmente.

É sempre apaziguador ouvir boa Poesia.

Isabel Alexandre

IN ILLO TEMPORE (E HOJE...)

Dr. Gonçalves Isabelinha Faz 98 Anos

Do nosso Colega de Coimbra Rui Lopes recebemos este tributo ao Dr. Isabelinha:

"Caros Amigos/as, ainda estou a escrever no dia 4 de Dezembro, mas amanhã, dia 5 de Dezembro o Dr. Gonçalves Isabelinha (foto em anexo) e faz 98 anos de idade.

O Dr. Isabelinha nasceu em Almeirim a 5 de Dezembro de 1908 tendo frequentado o Liceu de Santarém, onde jogou na Académica de Santarém e terminado o Liceu, foi estudar Medicina em Coimbra nos anos 30, ao mesmo tempo que jogava na Briosa onde ficaria uma lenda, terminando o Curso em 1938 e, desta forma, fалhou a final da primeira taça Portugal que houve em jogo e a Briosa ganhou. Foi aluno de mestres como: Maximino Correia, Morais Zamith, Bissaya Barreto, Eliseo de Moura, entre muitos outros.

O Dr. Isabelinha tirou a especialidade de Oftalmologia e durante muitos anos exerceu a actividade em Santarém, no Largo Sá da Bandeira, onde ainda hoje vive. Destacando-se por ser um "médico dos pobres", tinha sempre o consultório cheio e quem não tivesse possibilidade de pagar, o Dr. Isabelinha não cobrava, fez milhares de consultas e operações grátis.

Quando quero esclarecer qualquer assunto de Coimbra dos anos 30, é sempre o Dr., Isabelinha que contacto, pois com 98 anos, tem ainda uma memória invejável e lembra-se de tudo daquele tempo... foi também contemporâneo e amigo do Dr. Divaldo de

Freitas (o Brasileiro que tirou Medicina em Coimbra e que no Brasil foi o principal activista a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Brasil), trocaram correspondência até praticamente o Dr. Divaldo falecer em 2002 com 90 anos em S. Paulo.

O Dr. Isabelinha, além de ser o jogador mais antigo da Briosa vivo, é também uma lenda tanto de Santarém como de Coimbra, por isso, amanhã, dia 5 de Dezembro os parabéns ao Dr. Isabelinha, que até há bem pouco tempo ainda dava consulta diariamente, além de manter a sua faceta humanitária, não cobrando nada pelas consultas e ainda dando dinheiro aos doentes mais necessitados para levantarem os medicamentos na Farmácia."

Segue a imagem:



NOTA – Esta rubrica está aberta às "recordações" de todos aqueles que as quiserem lembrar.

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

"Sei imensamente Nada sobre o Universo... mas Sei" de CARLOS COUCEIRO

12 de Dezembro de 2006

Mais uma tertúlia dedicada ao "inesgotável" criador Carlos Couceiro e à sua última obra, assim apreciada:

"Sei imensamente quase tudo sobre o Carlos, que é não saber nada.

Sei imensamente Nada sobre o Universo. O que o poeta sabe está para além da primeira confissão, interrompida para uma adversativa que abre o conhecimento num mas Sei, saber maiúsculo porque ouvido, soletrado na Natureza, no quotidiano, numa existência que vai tão longa quanto o tempo de durar, atento e silente, sentidos inebriados nos aromas e nas paisagens, na contemplação do céu e das lonjuras, tempo que se faz Verbo e se faz Carne, eucaristia festiva de todos os deslumbramentos, a mulher amada e apetecida, desmultiplicada em misteriosas descobertas, percorrida em deslumbramento, avenidas rasgadas na profanação do desejo, sacralizada na compensação orgásmica de um sem limites que o amor legitima, amor de sangue e sémen, de recordação e silêncios, mulher em que morre e renasce em cada amanhecer do encantamento, sempre outro e sempre o mesmo.

Carlitos, onde estás? Estou aqui, Mãe. Estar, estar sempre no percurso e recuperação da infância, menino de varandas e poentes e correrias e bichos, cães e gatos e pombos com nomes e sentir de gente, gente como os bichos em gritos de Primavera, gente feliz porque estava em todos os cantos onde a alma desponta para o crescimento do silêncio a doirar a infância, essa de antes da partida para aquela nova lonjura de se fazer outro, a descobrir uma filosofia que estava nas inocências primeiras e depois na meditação e leitura, Deus a diluir-se até ficar uma interrogação.

Logo a dúvida, depois a sistematização da dúvida, agnosticismo erguido na assumida liberdade e na responsabilidade dos bons costumes, saber porque não é cristão, sendo.

É este o Carlos Couceiro que se afirma em novo livro, não diferente do êxtase e inocência que percorre o sangue de Madalena, o anterior livro de que e tempos aqui vos falei, mas agora numa espécie de paz de juízo final, de ajuste de contas com toda uma vida de vivência em Poesia, entrecortada mas presente na engenharia e na guitarra, um não saber sabendo, primeiro nos sons da Natureza, nas vozes dos animais que existem para quem sabe ouvir o seu diálogo com a vida, em cuja companhia sinfónica o poeta procura a harmonia.

Sonhar o céu para contar as estrelas numa panteísta descobertas das harmonias universais convocadas para dirimir filosofias, que saem dos tratados mas valem o que vale a viagem do estorninho no incessante regresso ao ninho com andorinhas no olhar em busca da mulher mada.

Nessa outra forma de perscrutar o amor em visita, consciente da brevidade da vida e a incerteza do depois, "vivo a viver o tempo não medido que é o meu / sobre o tempo do Tempo", em interiorização alarmada da finitude fora de certezas de um qualquer lugar outro onde repousar, torturado na dor itinerante pela mãe ausente, sempre vinda e viva no fluir do poema, recortado em muitos e múltiplos poemas sorvidos em inquietante SEI, seja na palmeira plantada ou em todas as coisas tidas por inúteis que é imperativo trazer à história porque são razão de ser e olhar o seu todo Tempo, que também é a maravilha fusional da posse, novelo de corpos em um poema, um verso ou uma rima, até à solidão infinita.

Poesia como "o lado de lá...onde se define a não definição / do dentro das coisas", porque a dúvida dói mas acrescenta o compromisso da inteligência, na redescoberta da infância em acelerado alerta de morte dos entes queridos, remexer de ferida aberta intemporalmente, Mãe de sorriso doce que acolhe e conforta, Pai sentado na memória a ensinar as diferenças, os irmãos feitos homens e as correrias africanas, presépio familiar na sua Família Sagrada, essa real e íntima, certificada e cais de chegada de todas as viagens e todos os navios.

Crescer em poesia para o desejo incendiado, corpos ardendo farejados até aos mais íntimos segredos, mãos transgressoras nas colinas do Ser, espasmos e risos e gritos de carne em fogaréus de agonia, onde a vida acontece como um milagre de plantador de amanhã.

Sei

*que um dia
peguei num pequenino "gindungo"
verde e encarnado*

*e enterrei-o
no canto do jardim...*

*Reguei-o...
e ali
nasceu um "gindungueiro".*

.....

*Fui eu – Carlos Couceiro –
Quem participou nesse milagre.*

Mas a dor sobe as palavras e demora-se na ausência da amada, a quem se rende e rende todas as buscas interiores, como se fosse um outro que não soube ser, rosário de pecados, "mágica ternura de teus lábios poisando em minha face" a encherem vazios tão cheios de nadas; a cobrir a solidão dos dias virados ao deserto num grito de "não vás para longe", porque nada sabe da Eternidade, nada sabe ao certo de Deus para além da angustiante dúvida em amorosa luta com a morte.

Ser o não ser no seu simétrico em limiar dos espelhos, niilismo de denegação do que sabe, o amor e o desencanto que ser adulto reinventa.

E que sei eu para desfiar este livro onde encontro o que sempre soube, desde a meninice comum, a

passar inteiro e louco no sangue do poema, o Carlos daquele quase fundo da Couraça dos Apóstolos, com a cortina de três falos de pedra a avisar a escada, quando Coimbra acendia memórias no larguito onde reuníamos os sonhos e pensávamos este futuro que não sabíamos que ia ser, assim como hoje no estarmos aqui para celebrar da sua loucura o sexo subtil tangerina a que retirou um gomo ornado de um triângulo negro de veludo, para saber do corpo os desígnios mais recatados em círculo perfeito de uma pitanga cortada ao meio, corpos vulcão de línguas consumindo as chamas, erotismo desmedido e violência das palavras na equação do poema.

Este é o poeta e o livro que vos devolvo, dono de uma pátria de Mãe olhando cada instante de si, Pai zelando no seu, tão cheio, silêncio de presença... pátria-tudo, em todas coisas, as grandes e as pequenas de que a verdadeira vida é feita.

Não sei dizer-vos mais que convocar-vos para a releitura.

Tomai em vossas mãos o livro e deixem que as palavras se redimam nos canais do Ser.

José Henrique Dias"

Seguiram-se um caloroso debate e o ecoar da Canção de Coimbra pelo "Grupo Porta Férrea"!

ESPAÇO PARA AS OUTRAS A.A.E.C.

I – ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM VALE DE SOUSA:

Ilustres Personalidades de reconhecido mérito da Universidade de Coimbra foram instituídos sócios honorários da A.A.E.C. em Vale de Sousa, na cidade de Penafiel, com o patrocínio da "NCM – Conhecimento Cultural e Lazer, Unipessoal Lda.", "Mafincal" empresa conceituada de Felgueiras e o grupo "Allegro de S. Martinho do Pinheiro", Coimbra, que abrilhantou a efeméride com aplausos incansáveis de todos aqueles que a tão belíssimo espectáculo assistiram sob a sua orientação.

A AAEC em Vale de Sousa foi fundada no ano de 1997 por um grupo de antigos alunos da Universidade de Coimbra, que frequentaram a histórica Academia entre os anos de 80 e 86, nos mais variados cursos e de diversas localidades do Vale do Sousa.

Tendo começado por reunir-se em Coimbra no ano de 1983 com a presença querida e amiga do conterrâneo Prof Dr. Barbosa de Melo e mais tarde também se tendo agrupado outro Ilustre conterrâneo o actualmente Juiz no Tribunal Europeu, Dr. Narciso da

Cunha Rodrigues. Da mesma Associação foi sócio o saudoso Dr. Barros Moura.

A actual presidente desta Associação, de saída agora da mesma porque veio viver para Coimbra, refere que não sairia em paz consigo própria caso não tivesse instituído as três distintas personalidades ligadas a Coimbra, o Prof, Dr. Rui Alarcão, o Prof. Dr. Fernando Rebelo e o antigo Ministro da Educação Prof. Dr. Vítor Crespo.

Para além dos já instituídos Prof. Dr. Barbosa de Melo, Dr. José Narciso da Cunha Rodrigues e Madre Teresa Serra Granado, o primeiro pela dedicação com nobreza de alma e coração aos seus estudantes, o segundo pela sua dedicação à Universidade e ao conhecimento em geral e o terceiro pela sua solidariedade para com uma estudante desta Associação. A "NCM, Conhecimento Cultural e Lazer, unipessoal, Lda" suportou toda a logística, a "Mafincal" ofereceu o transporte ao Allegro e este por sua vez deslumbrou os cinquenta participantes que vieram do Algarve, do Centro, do Minho, da Beira Interior, Alto Douro e Trás os Montes para saudarem aqueles que foram os seus Reitores e participarem num saudável convívio.

O espírito desta Associação é de solidariedade, fraternidade e amizade entre todos os seus membros em convivência com o meio social em que se insere. Tal como nos seus tempos de Coimbra! Em que quer os habitantes, quer os estudantes eram considerados uma comunidade familiar entendida não no sentido biológico mas de afectos comuns.

Estiveram ainda presentes todos os presidentes das associações congéneres, Coimbra, Lisboa, Alto Mondego e Braga. E como não poderia deixar de ser o actual Magnífico Reitor Prof. Dr. Seabra Santos.

Foi uma festa para não esquecer jamais! Dedicada a quem tanto a mereceu!

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE 9 ANOS:

Homenagem póstuma aos nossos queridos amigos falecidos António José Santos e Isabel Trota, na companhia dos seus familiares, nos cemitérios de Penafiel e Oldrões respectivamente, na presença do padre Manuel Barros da Paróquia de S. Mamede de Recezinhos que se deslocou ao local, num sábado de Páscoa para o efeito.

Viagem de barco para os sócios, amigos e familiares no Douro, com uma viagem oferecida a uma estudante bolsista da Universidade de Coimbra.

Passeio às amendoeiras floridas a Trás os Montes, com uma viagem oferecida a uma criança da Comunidade Juvenil S. Francisco de Assis.

Visitas culturais da região do Vale de Sousa, como Mosteiro de Pombeiro, casa de António Nobre, casa do José do Telhado, Alto de Santa Quitéria e museu de Penafiel, sempre acompanhados por uma ou duas crianças da Comunidade Juvenil S. Francisco de Assis.

Oferta de sessenta lugares às crianças da Cercifel de Felgueiras para usufruírem de um passeio durante duas horas, no rio Douro, no ano 2000.

A Associação fez-se representar num festival de folclore, que decorreu em S. Jorge de Vizela, através do grupo da Casa do Pessoal da U. C., no ano 2001. Patrocinou a capa de uma Plaquete do cortejo da Queima das fitas em Coimbra, no ano de 1997.

Ofereceu um donativo para a sede do grupo de folclore Pegadinhas do Ribeiral, que tem oferecido todos os seus préstimos a esta Associação, no ano 2005.

Natália Cunha Matos
(Presidente da Direcção)

II – ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM BRAGA:

PRINCIPAIS ACTIVIDADES DA AAECB REALIZADAS EM 2006:

Num ano que fica marcado pela decisão da Reitoria da Universidade de Coimbra em fortalecer os laços com as Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra espalhadas pelo País, nomeadamente através do seu dinâmico e criativo GCI – Gabinete de Comunicação e Imagem, as actividades realizadas pela AAECB em 2006 foram as seguintes:

1. Jantar Tertúlia académica, no Hotel Turismo em Braga (Março);
2. Viagem à Rota do fresco alentejano (Maio);
3. Cruzeiro ao Alto Douro Vinhateiro (Outubro);
4. Almoço Convívio de Natal (Dezembro).

ACTIVIDADES PREVISTAS PARA 2007

Neste momento, prevemos realizar as seguintes principais actividades durante o Ano de 2007:

1. Viagem à Galiza: "Pelos Caminhos de Santiago";
2. Viagem à Irlanda e Grã-Bretanha;
3. Homenagem à "Mulher Portuguesa Saída da Universidade de Coimbra";
4. Viagem a Espanha: "Na Rota de D. Quixote".

MENSAGEM DA DIRECÇÃO

É Natal...

Palavra mágica que encerra em si mesma os nossos corações e com eles os nossos mais puros sentimentos relacionados com Família, as Crianças e a Paz no Mundo.

A Paz e a Felicidade que todos nós desejamos para os nossos e para toda a Humanidade em geral. Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade... ..

Para todos os sócios e amigos que hoje aqui estão connosco, e para aqueles que por qualquer motivo não puderam estar presentes, vão os nossos sinceros votos de um Bom e Feliz Natal cheio de acácias floridas.

Ao almoço de Natal, realizado em 16 de Dezembro, seguiu-se um Sarau/Convívio com uma comunicação "*Quando era Natal. As prendas do meu Menino Jesus*", um momento de Poesia: "*Poesias do Natal*", mensagens pelos representantes das outras Associações, um momento de Teatro com o sketch teatral "*Coimbra a Preto e Branco*" e a Serenata de Coimbra.

Maria da Piedade Tavares
(Presidente da Direcção)

VISITAS LOCAIS

Como sabem, no segundo semestre do ano as nossas visitas só recomeçarão em Setembro, pois Julho e Agosto são meses de bem merecidas férias para todos. Em Dezembro geralmente também não as fazemos; de facto, as actividades da Associação a par das de cada um de nós, ocupam os dias que antecedem as Festas do Natal. Este ano não foi excepção e transformámos o 2º semestre do ano num trimestre!

Em Setembro voltámos ao **Museu Nacional de Arte Antiga** para visitar a excepcional "*Exposição da Colecção Rau – de Fra Angelico a Bonnard*", que os trinta e quatro participantes muito apreciaram, quer pelo conteúdo, quer pela forma como cada quadro foi apresentado pela excelente guia.

Em Outubro o **Museu do Banco de Portugal**, infelizmente pouco conhecido, que nos foi apresentado com todo o detalhe, dando, a muitos, conhecimentos aprofundados sobre temas já um pouco esquecidos.

A visita à **Assembleia da República**, em Novembro, fechou o ciclo de 2006. Com vinte e cinco participantes, foi uma visita muito completa ao edifício daquele antigo Convento que incluiu, também, assistência a um debate parlamentar.

Ao fim de três anos de **Visitas Locais**, o saldo é muito positivo, pois, o entusiasmo dos Colegas não esmoreceu e a participação é tal, que por vezes, e infelizmente, nos obriga a não aceitar algumas inscrições, por imposição de "*numerus clausus*" por parte das Instituições.

Muito vos agradeço a receptividade que sempre têm tido, e espero continuar a proporcionar-vos visitas agradáveis.

Maria Claudina Castel-branco

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos...

... no segundo Semestre de 2006, deixaram-nos:

✠ Eng. Victor Augusto de Sousa, Sócio 649 – em 30 de Novembro

e

✠ Capitão Maurício Laporte da Silva Barbosa, Sócio 320 – em 30 de Dezembro.

Que descansem em Paz.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2006 (de Julho até Dezembro...) foram:

Dr.^a D. Gilberta Maria de Campos Castro Pinto Palos, Sócio 1224;

Dr.^a Maria Orquídea da Costa Pereira da Silva Martins, Sócio 1225;

Dr. Leonídio Dias Mendes Monteiro, Sócio 1226;

Dr. Alcino Milheiro da Costa e Silva, Sócio 1227;

Dr.^a Maria Leónida Teixeira, Sócio 1228;

Dr.^a Maria Emília Santos da Silva Marques, Sócio 1229;

Dr. Edison Pedro Alves Dias, Sócio 1230;

Dr. António Joaquim Miranda Lucas, Sócio 1231;

Dr.^a Zulmira Conceição Cruz Costa Lobo Fernandes, Sócio 1232

e

Dr.^a Maria Catarina Madeira do Nascimento Rodrigues, Sócio 1233.

Sócio 1234. ??????

ERRATA

Na página 27 do Capa & Batina nº 27 a propósito da notícia sobre a nossa Festa dos Santos Populares na Quinta da Barôta o **3º Prémio no Concurso de Quadras** é atribuído ao pseudónimo "Coimbrão", o que está correcto, mas que foi ali identificado como Fernando Ruas, o que não foi o caso, porquanto o autor da referida quadra foi o colega e amigo **João Afonso Bento Soares**.

A identificação (ali omissa) da autora da quadra que teve a **Menção Honrosa** com o pseudónimo "Maria Perdida" é da colega **Maria de Fátima Bento Soares**.

NOTICIÁRIO

I - JANTARES MENSAIS

Tiveram lugar apenas 2 (em Setembro e em Novembro), ambos concorridos e com a alegria de sempre ao festejar os aniversariantes desses meses (os ausentes e os presentes):



Aniversariantes de Novembro

II - COIMBRA NOS JERÓNIMOS

No dia 12 de Novembro, o Grupo "**Porta Férrea**" fez-se ouvir e aplaudir no Mosteiro dos Jerónimos, integrando o ciclo promovido pelos Serviços Educativos "**Jovens Músicos, Novos Ouvintes**", como forma de promover o Fado e a Canção de Coimbra.

III - FESTA DE NATAL

É sempre um momento especial de convívio, onde, no dia 17 de Dezembro, 67 dos nossos associados celebraram a quadra natalícia, no mesmo ambiente acolhedor do IASFA (antiga Cooperativa Militar). O nosso **Ad-Hoc** cantou e encantou, o sorteio do Cabaz de Natal abriu os cordões à bolsa, a troca de "prendinhas" constitui sempre uma surpresa e a nossa Colega Natália de Matos (ex-Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Vale de Sousa) expôs os bordados daquela zona, que todos apreciaram e alguns adquiriram. Do Francisco de Vasconcelos recebemos esta mensagem para todos:

*Este ano, pelo Natal,
Vamos pedir um brinquedo
Inverso e proporcional
Aos medos que vêm do Medo.*

*Se prestarmos atenção
Ao que se passa na Terra,
Quase não vemos nação
Sem fronteiras para a guerra.*

*Vamos esperar, com fé,
Por um Pai Natal capaz
De nos pôr na chaminé
Um sapatinho de Paz!*

IV - FIM-DO-ANO

Desta feita, o Carnaval em Veneza remeteu o reveillon para Lisboa, tendo 32 dos nossos associados festejado a entrada do ano de 2007 no Hotel Altis.

V - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ❖ O **Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** e o **Director do Museu da Ciência** convidaram-nos para a inauguração do Museu da Ciência, que teve lugar no dia 5 de Dezembro, no Laboratório Chimico;
- ❖ O **Reitor da U. C.**, o **Editor da Gradiva** e o **Director da Biblioteca Geral** convidaram-nos para a cerimónia de apresentação do livro "*A Fórmula de Deus*", da autoria de José Rodrigues dos Santos, pelo Professor Jorge Dias de Deus, ocorrida no dia 30 de Novembro na Biblioteca Joanina;
- ❖ A **Casa da Académica em Lisboa** fez-nos participar na "*Homenagem ao Dr. José Barros*", pela voz dos Dr.s Daniel Sanches e Dias Loureiro, no dia 13 de Dezembro;
- ❖ A convite do **Reitor da Universidade de Lisboa**, estivemos presentes na "*Cerimónia de Abertura do Ano Académico de 2006/2007*", que teve lugar no dia 7 de Novembro, na Aula Magna, constando de sessão solene e concerto comemorativo do centenário do nascimento de Fernando Lopes-Graça, pela Orquestra Sinfónica *A2M*;
- ❖ O Delegado do **INATEL** e o grupo musical **Quatro Elementos** requereram a nossa presença na apresentação do CD "*O Meu Lugar*", com poesia de António de Arnaut, no dia 7 de Novembro, na Biblioteca Joanina da U.C.;
- ❖ A editora **Palavra** convidou-nos para o lançamento do livro "*De Rosa com Amor*", da autoria do nosso Sócio José Marques Vidal, que ocorreu no dia 9 de Novembro na livraria *Bulhosa* (Entrecampos);
- ❖ O **Lions Clube Lisboa Benfica** convidou-nos para o lançamento do livro "*Boas-Festas*", de Isabel Antunes, Madalena Gomes, Manuela Nogueira, Maria do Carmo Rodrigues, Maria Isabel de Mendonça Soares, Maria Natália Miranda e Matilde Rosa Araújo, com ilustrações de Sara Leite, o qual teve lugar no dia 11 de Novembro no Auditório Agostinho da Silva.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

- Continuam a contribuir para o enriquecimento da Biblioteca e Arquivo os nossos Sócios e Amigos: Alberto Janeiro, Maria da Conceição Barros, Alberto Durão Pereira, Francisco Nóbrega, Maria Teresa Granado Amaral, Maria Isabel Cerveira Miranda, Reitoria da Universidade de Coimbra (Rua Larga), Casino Estoril (revista "Egoísta"), Associação dos Pupilos do Exército ("Boletim") e a Casa de Goa ("Boletim").

A Todos **Bem-hajam!**

- Lembramos, no entanto, que o nosso interesse primordial é criar uma bela e bem fornecida Biblioteca sobre Coimbra, incluindo obras e outra documentação sobre a cidade, a sua vida académica, suas praxes, livros da Queima, plaquetas, cartazes, fotografias antigas e actuais, jornais ou recortes de jornais, encontros académicos, galas, espectáculos, etc., etc.; incluídas estão também as obras editadas em Coimbra.

Aqui toda esta documentação estará guardada e será sempre estimada.

- Encontram-se também à venda na nossa Sede:

- Vídeos e DVD's das **viagens** organizadas pela nossa Associação.
- Livros de: Amélia da Conceição de Sousa Ferreira-Pinto "O Povo do Nordeste – Vivências".
- O CD "**Vinte Anos ao Vivo**" no Centro Cultural de Belém pelo Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra.

- O nosso Colega **Fernando Cardoso** criou recentemente o seu **blog** -<http://fcardoso.blogs.sapo.pt> - que se transcreve:

«Missão Urgente e de Todos

Neste mundo de violências, ódio, droga e racismo, é urgente tentar modificá-lo. É uma tarefa tão árdua como nobre, mas também gratificante. E há que começar precisamente pelas crianças: **Os Homens do Amanhã**. É uma tarefa de todos e muito especialmente da FAMÍLIA, da ESCOLA e dos ESCRITORES que destinam as suas obras às crianças e aos jovens.»

1 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores
(as dos anos 1999 a 2006, que perfazem 20 482,36 Euros...)

Quando estarão todas em dia? **Dependemos da consciência de um dever estatutário...!**

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 -1º - 1000-046 LISBOA
TELEF.: 21849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aacl@oninet.pt
PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO